

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. **As aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduíche**, Lisboa: Bertrand Editora, 2007, 184 p.

Petar Petrov*

Onésimo Teotónio Almeida, nascido nos Açores, formado em Filosofia e a residir há muitos anos nos Estados Unidos da América, é atualmente professor na Universidade de Brown, em Providence, onde participou na criação do atual Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros. A sua atividade de escritor reparte-se por diversos gêneros, como o ensaio, a prosa poética, a crônica e o conto, sendo o seu universo ficcional concretizado em episódios do quotidiano, num registro predominantemente autobiográfico. Normalmente são relatos na primeira pessoa, deixando a impressão de que os acontecimentos foram vividos ou presenciados pelo autor empírico. É o que se verifica na sua mais recente coletânea de contos, **As aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduíche**, cujos enredos se centram em experiências relacionadas com viagens em processo, tanto em quadrantes geográficos como em contextos culturais diversos. Sirvam de exemplo as aventuras de “Em casa com o cinto de segurança apertado”, *Magic-Realism – 101* e *Mai pen rai*, que se situam na República Dominicana, na Colômbia e na Tailândia; os acontecimentos de “Desconcerto a duas vozes”, enquadrados no espaço físico dos Açores; as ações das restantes oito narrativas que têm lugar em cidades e Estados norte-americanos. Do ponto de vista axiológico, os relatos exploram vários assuntos, como a construção de estereótipos do Outro, os envolvimentos afetivos entre alunas e professores universitários, as vicissitudes dos meios académicos e intelectuais, os prós e os contras das atitudes individualistas e racionalistas, o quotidiano da emigração portuguesa nas terras do Tio Sam, o direito à liberdade de expressão, as fobias após o 11 de Setembro de 2001.

Se a heterogeneidade temática pode ser vista como fator determinante para o interesse que o livro possa suscitar, o projeto literário de Onésimo Almeida funciona como garante para a fortuna da publicação. Em primeiro lugar, por causa da indefinição genológica enunciada no título da coletânea, cujo teor indicia tratar-se de uma compilação de textos que diferem

* Universidade do Algarve.

da construção convencional do conto erudito. Refiro-me à “estória”, termo cunhado por Guimarães Rosa para designar uma narrativa diferente de “história”, uma vez que aquela remeteria para a ficção pura, fruto da imaginação do escritor. Para o escritor brasileiro, a “estória” é “tuta-e-meia”, algo parecido com a caracterização que Onésimo Almeida fez das suas narrativas: “são conversas breves e leves sobre o dia-a-dia” (ALMEIDA, 2006, p. 44)¹. Outro elemento que remete para a ficção de Guimarães Rosa é a presença do neologismo, formado, no caso, pela aglutinação de nabo + navegador, cuja ativação comporta propósitos pragmáticos no sentido de enfatizar a carga semântica da mensagem. Acrescente-se também que, na perspectiva do autor do livro, as narrativas são “estórias em cont(o) exto (...) ensanduinchadas em crônicas” (p. 11), ou seja, a sua substância representa o recheio que aparece envolvido por paratextos, arquitetados em forma de prefácios e posfácios. Alguns destes são metaliterários e auto-representativos, a trair uma preocupação com o fazer literário mas também o amplo *background* cultural do escritor, quando problematiza os modos de representação do chamado “romance acadêmico” (p. 30-34) ou a dimensão mágica de narrativas provenientes dos contextos hispano-americanos (p. 107-110), entre outros.

Característica importante, que contribui para a singularização da coletânea, é igualmente o estilo literário que pode ser sintetizado numa palavra: realismo. Longe dos experimentalismos desconstrucionistas, utilizados para obscurecer mensagens, bem como do tom moralizante que enferma muitas retóricas do concreto, o realismo de Onésimo Almeida privilegia a narração e atesta que se está perante um exímio contador de “estórias”. Os seus enredos comportam a característica básica do gênero narrativo, que é apresentar ações de personagens situados em contextos espaciais e temporais precisos e a sua efabulação configura-se como um instrumento altamente versátil. Por seu lado, o efeito de real surge reforçado pelo recurso à focalização interna, técnica que, banindo uma mediatização indireta, consegue aproximar o leitor virtual do universo representado.

Para além dos temas escolhidos e da modalidade representativa realista, merecem atenção outros aspectos do domínio expressivo e pragmático que contribuem para o sucesso do livro. Refiro-me, em primeiro lugar, à fun-

1- Todas as referências são dessa edição e serão indicadas apenas pelo número das páginas.

ção comunicativa do(s) narrador(es), quando tenta(m) estabelecer diálogo com o leitor, num evidente aproveitamento do discurso romântico, com conseqüências óbvias no plano da denúncia da construção das tramas. É de notar, quanto a isto, a presença de uma postura irônica a sublinhar o modo de organização interna das estórias, cujo objetivo é fazer do narratário um participante ativo na reconstrução do retratado:

Não se apresse o leitor em juízos temerários. Vá devagar que eu por mim vou narrando tudo tintim por tintim, recuando mesmo um pouco... (p. 42)

(...) mas há que encurtar e não enfadar o leitor com este conto dentro do outro, pois não convém esquecer que a estória que me comprometi a contar não é esta e só a necessidade de introduzir uma nova personagem me obrigou ao tão largo desvio, quase intragável, de que peço as devidas desculpas. (p. 45)

Há igualmente atitudes irônicas e humorísticas, relacionadas com alguns dos eventos das diegeses, estratégias que conseguem colocar o leitor no papel de cúmplice do distanciamento crítico assumido pelo(s) sujeito(s) da enunciação. Vejam-se, a esse propósito, as considerações sobre o atraso de um voo num aeroporto latinoamericano (p. 18-19); sobre *the real people*, “em versão para turistas” (p. 25-26); as tecidas também acerca da figura do filósofo, “sepultado e com jazigo nos compêndios escolares.” (p. 65)

Para completar o leque de características originais do livro, alguns trechos são autênticos comentários de índole doutrinária, veiculando a cosmovisão particularmente crítica do autor relativamente a assuntos de caráter ideológico, com destaque para:

- os exageros da teoria do feminismo, na sua vertente mais radical, numa altura em que

(...) o politicamente correcto tornou algo complicadas as relações entre sexos nas universidades.

(...) Sorte tivemos-la nós (pelo menos o sector masculino) no nosso tempo, antes da grande revolução feminista, quando tudo era fácil para o macho ou, como recordam hoje os saudosistas, when men were men and the women loved them. (p. 50)

- o anacronismo da visão messiânica sobre a presença de Portugal em África e o anticomunismo primário dos anos 70:

Tarde após tarde em Riverville, o respeitável senhor mantém numa estação de rádio o seu programa “Micro Livre”, onde se enlevava de Portugal ao peito – a pátria doce da paz, da ordem e da disciplina – evocando antanhas glórias de África-nossa-África-minha-Portugal-farol-do-mundo (...) E todos os dias o nosso homem desfiava a sua litania laudatória insurgindo-se contra alguns espíritos vermelhos, antipatriotas que começavam a fazer-se ouvir na outrora pacata L(USA)lândia. (p. 87-88)

- a deportação de imigrantes, decretada pelo governo norte-americano, em nome de uma política excessiva de combate ao terrorismo:

Hoje, no meu rito matinal de sábado, estendi-me a ler o The New York Times. Um título agarrou-me: “More Than 13 000 May Face Deportation”. O artigo conta de muçulmanos legais e ilegais de antigas comunidades islâmicas a evadirem-se para outros países. Uns amedrontados pela tensão no ar, outros com problemas com a justiça. Um mero delito de pena maior (felony) e a extradição consequente. Êxodo imparável. (p. 81)

- a teorização pretensamente científica da estética literária do Realismo Mágico, numa linguagem hermética e esotérica, cujas características são

(...) imaginative flights of fancy, o conceito mítico de tempo, a visão animista e vitalista, a simbiose natural-sobrenatural imano-transcendente, o osmose humano-telúrica, o hiperbólico e o monumental. Como se isso não bastasse, ainda há a fluidez ontológica, o méta-récit, a técnica de evasão semântica e a reticência autoral, a convenção transculturada, noções místicas de causalidade...(p. 107)

- a visão catastrófica do papel da arte e da literatura na era pós-modernista:

Tratava-se de um guru da nova vaga pós-modernista. (...) Repetiam-se platitudes sobre o falhanço do *bildungsroman*, das grandes visões éticas (...) A literatura hoje re-

flecte esse *je ne sais quoi* e por isso não ensina, não pode aspirar a transmitir valores nem nada que se lhe pareça porque não é essa a sua missão, se é que tem alguma. O escritor nada no mundo das palavras, descobre-lhes os segredos e o poder de associações lúdicas, desprendendo-as totalmente do real e de compromissos morais de qualquer ordem. Para o escritor pós-moderno, o real simplesmente não existe e o texto por ele criado sustenta-se de *bricolages* captadas pela sua imaginação verbal. (p. 149)

Note-se que esse comentário, recorrendo ao discurso irônico, evidencia dimensões intertextuais, fato que demonstra uma grande erudição, apesar de o autor ter escolhido tratar o assunto de modo descomplexado. O que sobressai implicitamente é a consciência de que a literatura não é um fenômeno gratuito e que desempenha um papel importante num contexto em que se promulga uma escrita esvaziada de mensagens ideológicas. Contrariamente a isso, as “estórias” de Onésimo Almeida filiam-se numa vertente de expressão que visa inquietar e incomodar, o que faz do seu livro uma obra de leitura necessariamente obrigatória.

Referências

ALMEIDA, Onésimo. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, 17 jan 2006, p. 44.